

FALTA SALÁRIO

Geralda Godinho de Sales

A questão do livre funcionamento do comércio continua gerando polêmica, gerando manchete para os seus defensores, mas emprego que é bom, até o momento não gerou um sequer. E é aí que está a questão: se não gera novas vagas no mercado de trabalho, se não amplia as opções para os consumidores — pois o que falta é salário — por que liberar o horário de funcionamento do comércio? Para os duros pseudoconsumidores ficarem olhando sua própria impotência econômica diante e das vitrines dos shoppings nas tardes de domingo?

Atualmente, em ocasiões que precedem datas comemorativas, o Sindicato dos Comerciantes tem negociado a abertura das lojas aos domingos, mediante o pagamento de algumas compensações. Com a aparição do Projeto de Lei 743/90, que trata da liberação do horário de funcionamento do comércio, o domingo e feriados passam a ser um dia comum e o trabalhador perde estas vantagens.

Este é o ponto que interessa a certos segmentos patronais do comércio.

Para não dizer que somos intransigentes, já tentamos várias experiências com o funcionamento do comércio varejista aos domingos e feriados. Bem recente, assinamos um Termo de Compromisso para que várias empresas abrissem suas portas, esperando em contrapartida a geração de 20% de empregos dos seus quadros. Percebemos que

os lojistas acabaram sendo compelidos a funcionar sem muito entusiasmo e perspectiva — e muitas vezes forçados por contratos obscuros; que o consumidor manteve-se distante, diante da realidade salarial do país.

Na tentativa de votação ocorrida na última sexta-feira na Câmara Legislativa, o que pudemos perceber é que os grandes defensores do funcionamento do comércio aos domingos não são mais os líderes de sindicatos patronais, mas, sim, os prepostos empreendedores dos shoppings. Os dirigentes patronais, muito tardiamente, perceberam que trabalhavam também contra suas bases, uma vez que a abertura do comércio aos domingos e feriados só interessa aos shoppings e fere mortalmente os comerciantes de entrequadras, da W3 e das cidades-satélites.

Para os comerciantes, a efetivação do domingo como um dia de trabalho normal é a institucionalização da exploração no setor. Com salários arrojados, o horário de trabalho anarquizado (livre horário do comércio pressupõe mudanças bruscas de turnos, também) e a proximidade de nossa data-base, o que certos empresários querem é tirar de nossas mãos uma importante conquista — que é a opção de trabalhar ou não nos domingos e feriados.

■ Geralda Godinho de Sales é presidente do Sindicato dos Comerciantes do Distrito Federal